

NAVESSA ALLEN

ÀS ESCURAS

TRADUÇÃO
Maria Inês Ramos

Romance **INTO DARKNESS**

FICÇÃO · ROMANCE

AVISOS

Às Escuras é um romance negro e cômico que retrata um perseguidor e que contém temas pesados.

Fica ao critério do leitor se deseja prosseguir com a leitura, uma vez que este livro contém:

*Conversas e cenas sexualmente
explícitas (incluindo sexo anal)*

Consumo de álcool

Menção de violação (fora de cena)

Abuso de crianças (memória)

Conteúdo médico

*Sangue e cenas sangrentas (em
ambiente hospitalar)*

Conversas sobre saúde mental

*Menção de assassinos em série e dos
seus crimes*

Descrição de um tiroteio em massa

Perseguição

Invasão de privacidade

Invasão de domicílio

Câmaras ocultas

Hacking

Roubo

*Canibalismo não intencional
(memória)*

Morte

Acidente de viação (memória)

*Descrição de uma morte violenta
(memória)*

Morte de um dos pais

Sexo com asfixia

Sexo com uma faca

Sexo com uma arma

Sexo com medo

Sexo animalesco

Sexo com máscaras

Consentimento dubio

*Para todos os que são corajosos
o suficiente para cavalgarem o cabo.*

AGRADECIMENTOS

Este é o livro que nunca ia ser um livro. Foi uma simples ideia que me veio à cabeça enquanto percorria as redes sociais certa noite. Sem pensar muito, criei um vídeo de um homem a usar uma máscara e disse: «Muito bem, oiçam-me. Isto é um romance.» Mais de cem mil pessoas viram esse vídeo e exigiram que tornasse a ideia realidade, e cá estamos nós.

Há tantas pessoas a quem devo agradecer, a começar pelos primeiros espectadores. E especialmente aos meus subscritores do Patreon, que foram lendo os capítulos de *Às Escuras* à medida que os escrevia e me apoiaram até ao «Fim».

À minha mãe, por me apoiar incondicionalmente. É bom que nunca veja isto, porque foi proibida de ler este livro, por razões óbvias, mas, mãe, se por alguma reviravolta infernal estiveres a ler isto, não vou pagar a tua terapia.

Ao meu marido, por me encorajar a seguir os meus sonhos, sejam eles quais forem, e por ser o melhor parceiro romântico e amigo que alguma vez poderia desejar. Muitos dos meus protagonistas masculinos são inspirados nele, pelo menos de alguma forma, e em *Às Escuras*, o Josh herdou o seu sentido de humor. E sim, é tão hilariante (e, por vezes, exasperante) na vida real como na ficção.

À minha agente, Jill Marr, pelo seu total investimento desde a nossa primeira chamada via Zoom e por me abrir os olhos para as possibilidades deste livro. Jill, és uma estrela, e estou-te muito grata por defenderes e patrocinares os meus livros e a minha carreira.

Por fim, à Zando e à Slowburn, especialmente à Hayley Wagreich e à Sierra Stovall. Obrigada por arriscarem seguir com um lançamento independente e reconhecerem o seu potencial. Obrigada por serem tão acolhedoras, prestáveis e entusiastas com este livro. E obrigada por trazerem mais romance ao mundo com o vosso selo. É uma honra fazer parte da equipa.

1

ALY

Arapariga nova não se estava a sair lá muito bem. Quando entrei na sala de descanso, vi-a encolhida numa das cadeiras de plástico baratas e desconfortáveis, pasmada a olhar para o vazio. A farda estava amarrotada, o coque escorregava-lhe pela cabeça desalinhado, as madeixas louras sobressaíam como se tivesse estado a puxar o cabelo. Sob as luzes fluorescentes, a pele dela parecia cerosa e pálida.

As outras duas enfermeiras na sala estavam bastante afastadas, lançando-lhe olhares ansiosos como se estivessem preocupadas que fosse vomitar ou desmaiar. Ou pior, desistir, como tantas outras tinham feito.

Só por cima do meu cadáver.

Precisávamos dela. Não podia continuar a fazer turnos de quinze horas seguidas, ou ficaria de rastos.

Respirei fundo e fui ter com ela, abaixando-me ao seu lado para que, se vomitasse, eu conseguisse mergulhar para fora da zona de salpicos. Não pareceu reparar em mim. Não era bom sinal.

– Olá. Brinley, certo? – perguntei, mantendo a voz baixa e calma.

Recorri ao mesmo tom que usava para falar com crianças.

Ela pestanejou e virou-se para mim, com os olhos azuis vidrados e desfocados, como se não me estivesse a ver. Estava praticamente em choque. Eu sabia-o; via-o em quase todos os turnos em pelo menos um dos meus doentes.

Porra, ela ia mesmo desistir.

Virei-me ligeiramente para o lado, mantendo o olhar fixo na Brinley.

– Cobertor?

O som de passos a andar de um lado para o outro disse-me que alguém estava a assegurar o pedido, por isso voltei a olhar para a frente e dei toda a minha atenção à nova enfermeira. Tinha ouvido rumores sobre ela pelos outros colegas. Segundo eles, a Brinley era enfermeira há três anos e tinha sido transferida recentemente de um serviço de urgências mais pequeno. Esta era a primeira vez que trabalhava num hospital polivalente.

Algumas pessoas safavam-se bem nas urgências normais, mas passavam-se quando vinham para aqui. Estávamos no centro da cidade, numa metrópole conhecida pelas suas elevadíssimas taxas de criminalidade. Não havia um turno em que não víssemos o pior do pior: esfaqueamentos, violações, ferimentos de balas, vítimas de abuso, sobreviventes de acidentes de viação horríveis, víamos de tudo mesmo.

Esta noite tinha sido especialmente dura, mesmo para mim, e eu já tinha visto tanta merda que não havia muito que me abalasse. Podia ser marcante para alguém novo como a Brinley, e amaldiçoei a sorte dela por este ter sido o seu primeiro turno sem supervisão.

Apareceu um cobertor na minha periferia. Peguei nele sem olhar e enrolei-o à volta dos ombros da Brinley. Movia-se como um robô, com os braços a tremer enquanto agarrava as pontas e as puxava com mais força.

– O peito dele – disse, tão baixo que mal apanhei as palavras. – O seu interior estava simplesmente... vazio.

Ah, então ela tinha apanhado uma ferida feita por um tiro de caçadeira à queima-roupa. Era incrível que o homem ainda estivesse vivo quando chegou, e terrivelmente triste porque não havia quase nada que pudéssemos fazer em casos como o dele. Grandes partes do coração, dos pulmões e de outros órgãos vitais estavam despedaçadas e demasiado danificadas para que conseguisse sobreviver. Ouvi dizer que morreu pouco depois de ter chegado. Se tivesse sido a Brinley a atendê-lo, teria ficado certamente encharcada de sangue. Não admira que tivesse mudado de farda e que o cabelo ainda estivesse húmido, por ter tido de lavar aquilo tudo.

– Não havia nada que pudesses ter feito – disse-lhe.

Ela fungou, e os olhos dela pareceram, finalmente, concentrar-se em mim.

– Eu sei, mas... *meu Deus*. Acho que nunca vou conseguir tirar aquela visão da minha cabeça.

Não te preocupes, amanhã verás algo igualmente traumático, que irá substituir o que viste hoje, pensou uma parte de mim obscura, porém incapaz de o dizer em voz alta.

– Alguém já te falou dos terapeutas? – perguntei-lhe.

Ela assentiu com a cabeça.

– Terceiro andar, certo?

– E se estiveres num turno da noite e precisares de falar com alguém, há uma linha telefónica 24 horas por dia, sete dias por semana.

O nosso hospital podia sobrecarregar-nos de trabalho, mas fazia um excelente trabalho ao dar prioridade à saúde mental do seu pessoal. Passávamos pela mesma quantidade de traumas diários que os soldados podiam enfrentar estando na linha da frente, e as nossas taxas de *burnout* e de *stress* pós-traumático eram elevadíssimas por esse motivo.

Eu falava regularmente com um dos terapeutas de serviço. Era uma das poucas coisas que me mantinham relativamente sã enquanto o sistema de saúde se desmoronava à nossa volta e havia tantas pessoas a abandonar a profissão que corríamos o risco de ficar sem pessoal.

– Não tenho o número da linha – disse a Brinley, com uma única lágrima a rolar-lhe pela face.

Isto era bom. Com lágrimas, eu podia trabalhar. As lágrimas significavam que já estava a processar, e o risco de entrar em choque estava a passar.

– Em que cacifo puseste as tuas coisas? – perguntei. – Eu vou lá buscar o teu telemóvel e acrescento já o número.

Vinte minutos mais tarde, já estava de pé, com as mãos à volta de uma caneca fumegante de chá de camomila. Inseri o número da linha de apoio no meu telemóvel. Ela tinha parado de tremer e as bochechas estavam a ganhar um pouco de cor. Só estava mais uma enfermeira connosco na sala, tendo substituído as duas inúteis anteriores. Essa enfermeira era a Tanya, uma mulher negra de quarenta e poucos anos que trabalhava em urgências há quase tanto tempo quanto a Brinley estava viva. A Tanya era a minha colega de trabalho preferida. Era ótima sob pressão, era boa com os pacientes e sabia mais sobre tratar pessoas em situações de emergência do que a maioria dos médicos com quem trabalhávamos.

Neste momento, estava com a Brinley perto da janela, a falar baixinho, com uma mão a segurar o ombro da mais nova. Eu ia ouvindo e deslizando, enquanto pegava nas minhas coisas e nas da Brinley, confiando que a Tanya saberia usar as palavras certas para persuadir a Brinley a sair da beira do abismo.

– Portaste-te tão bem – ouvi-a dizer. – E isto não é só para te fazer sentir melhor. Já vi outras enfermeiras com mais experiência a ficarem paralisadas em noites como esta, mas tu mantiveste-te firme e fizeste o que tinhas a fazer. – Virou-se para mim. – Certo, Aly?

Pendurei a mala da Brinley ao ombro e juntei-me a elas.

– Ela não está a mentir – disse. – Pelo que vi, tu arrasaste. E é totalmente normal ficar abatida depois de uma noite destas. Toda aquela adrenalina fez-te subir demasiado alto, e os teus níveis de cortisol ficaram provavelmente descontrolados. Não é vergonha nenhuma entrar num minicoma de *stress*. Ainda me acontece em noites muito más.

A Brinley empalideceu.

– Achei que esta tinha sido uma noite muita má.

Ups. Tinha de dar a volta por cima.

– E foi – disse. – Só quis dizer que, desta vez, eu não vi o pior. Acho que tu e a Mallory é que não tiveram tanta sorte.

Soltou um suspiro trémulo.

– Oh. Está bem.

A Tanya virou-se para ela.

– Agora, a Aly vai dar-te boleia até casa. O turno dela também já acabou.

A Brinley olhou para nós.

– Mas tenho aqui o meu carro.

A Tanya acenou com a cabeça.

– Sim, mas achamos melhor não conduzires agora.

Parecia compreender a sabedoria por detrás.

– Sim, acho que tens razão.

– Não te preocupes – disse. – Verifiquei o teu horário. Amanhã estamos no mesmo turno, por isso também te dou boleia. Estacionaste no parque dos funcionários?

Acenou com a cabeça.

– O teu carro ficará bem ali. Precisas de lá ir buscar alguma coisa?

Franziu o sobrolho.

– Acho que não?

A Tanya arrancou-lhe o chá das mãos.

– Então deviam sair daqui enquanto podem.

– *Obrigada* – movimenteí os lábios.

Acenou com a cabeça.

Não era invulgar sermos obrigados a trabalhar mais algumas horas se ficássemos por ali depois do fim do turno, porque havia sempre alguém a

precisar de mais um par de mãos ou de ajuda para estabilizar um doente. A Brinley não estava em condições de o fazer e eu já tinha feito quatro horas extras. Estava na altura de ir embora.

Guiei a Brinley em direção à saída e fomos pelas traseiras para evitar cruzarmo-nos com alguém. Estava calada enquanto caminhávamos, mas parecia muito melhor do que quando a vi pela primeira vez, o que tomei como um bom sinal.

– Vives com alguém? – perguntei-lhe.

– Com o meu namorado – disse.

– Ele está em casa neste momento?

Não me agradava a ideia de a deixar sozinha se ele não estivesse.

Ela acenou com a cabeça.

– Está. Mandeí-lhe uma mensagem no final do turno, antes de me sentar, e, bem. Tu viste.

– Falar ajuda – disse-lhe. – Não sei se o teu namorado é sensível, mas contar-lhe sobre o que te aconteceu pode tirar-te algumas coisas da cabeça.

– Não tenho a certeza – disse, com a voz cheia de indecisão.

– Não precisas de entrar em pormenores. Ficas-te pelo essencial. E além da linha de apoio, também pus o meu número no teu telefone, para que me possas ligar sempre que quiseses.

Lançou-me um olhar de alívio.

– Obrigada. Acho que ele não ia perceber. Compreendes?

Assenti com a cabeça. Compreendia. Ao contrário da Brinley, eu era solteira... mais ou menos, mas mesmo quando tinha parceiros, não falava de trabalho com eles. Nunca namorei a sério, estava demasiado focada na minha carreira neste momento, e falar sobre um dia mau ou o quão triste foi perder um paciente parecia o tipo de coisa que se guardava para alguém importante. Na maior parte das vezes, desabafava com terapeutas ou outras enfermeiras e, pelo olhar da Brinley, percebi que ela faria o mesmo. Por norma, os civis, como chamávamos a quem não trabalhava no setor da saúde, não nos conseguiam compreender.

A caminho de casa, para nos distrairmos da noite que tínhamos tido, continuámos a conversar, porém, acerca de temas mais ligeiros, como o último programa de televisão que toda a gente andava a ver. Quando deixei a Brinley em casa dela, o Sol estava a começar a nascer sobre a cidade, brilhando nos arranha-céus distantes e pintando as nuvens com uma sombra macabra que variava entre o roxo profundo de nódoas negras recentes e o vermelho arterial de sangue acabado de derramar.

Meu Deus, estou mesmo mórbida esta manhã, pensei, desviando os olhos do céu.

Tinha passado tanto tempo a tentar ajudar e a distrair a Brinley que não tinha processado a minha própria noite de merda. Houve um tipo que tinha sido esfaqueado três vezes, uma mulher com o pulso partido, o nariz a sangrar, um marido com ar de culpado e que não a deixava falar por si própria, e uma criança de dois anos com VSR* tão grave que teve de ser transportada para o hospital pediátrico.

O pior foi o sem-abrigo com queimaduras de frio. Não por ser um caso extremo, pois as queimaduras eram relativamente ligeiras e ia conseguir manter todos os dedos dos pés, mas por mais ninguém no meu turno querer entrar no quarto dele devido ao seu mau cheiro, saindo de imediato para o corredor reclamando alto o suficiente para ele conseguir ouvir. Fiquei destroçada e irritada, por isso mandei-os a todos embora e tratei dele sozinha.

Eram estes os tipos de casos que me ficavam na memória, não os supersangrentos, mas os tristes. Ficava fascinada. Onde estaria a família daquele homem? Andaria à procura dele? E a mulher que estava a ser maltratada pelo marido? Conseguiria ela afastar-se antes de ele a voltar a magoar?

A minha viagem para casa foi desatenta enquanto estes pensamentos me enchiam a cabeça e, quando dei por mim, estava a entrar na garagem. A rua estava suficientemente escura para que a minha casa estivesse somente iluminada por luzes cintilantes. Já estávamos na segunda semana de janeiro, mas alguns dos meus vizinhos ainda tinham as decorações de Natal, por isso não me apressei a desfazer as minhas. Ver aquelas luzes a brilhar alegremente na escuridão da madrugada era precisamente o tipo de estímulo de que precisava. Qualquer coisa para manter a escuridão à distância.

Desliguei o carro e saí. A minha casa não era nada de especial, era apenas uma casinha com dois quartos, ao estilo artesanal e num bairro mais ou menos seguro, mas era toda minha, e estava muito orgulhosa do trabalho que tinha feito para a remodelar e lhe dar o meu cunho único. O revestimento era azul-esverdeado antigo, o acabamento era branco quente, e o pequeno terraço da frente parecia festivo e convidativo graças ao sinal de boas-vindas natalício e à árvore de Natal que brilhava com enfeites.

Por dentro, era igualmente alegre. Já não tinha família que importasse, e decorar a casa de cima a baixo para as festas era a forma de me distrair do quão deprimente era passar o Natal sempre sozinha ou a trabalhar.

* Vírus Sincicial Respiratório. (*N. de T.*)

Um miar estridente dividiu o ar quando fechei a porta atrás de mim e descalcei os sapatos.

Bem, não estava *completamente* sozinha. Tinha o *Fred* para me fazer companhia. Devia estar a dormir na minha cama quando entrei, porque o seu miar soava mais longe e aumentou de tom e de volume à medida que corria na minha direção, como uma ambulância a ecoar numa autoestrada.

Bem, ele é tão barulhento quando está zangado, pensei. Se continuasse assim, os meus vizinhos mais próximos iam começar a pensar que o andava a magoar.

– Oh, meu Deus, *Fred* – disse, enquanto o gato de pelo comprido preto e branco dobrava a esquina. – Pronto. Desta vez, só me atrasei umas horas.

Peguei nele quando chegou ao meu lado, virando-o de costas para que pudesse enterrar a minha cara na sua barriga fofa. Quando era criança, a minha mãe chamava a isto «terapia do pelo». Ela chegava a casa depois de um longo dia de trabalho e, antes de dizer olá ao meu pai ou a mim, ia ter diretamente com o gato e acariciava-o até ele começar a contorcer-se. Fazia-a sempre sentir-se melhor, por isso, eu fazia o mesmo com o *Fred* desde o dia em que apareceu no meu quintal, a chorar, ainda bebé, quase afogado por uma tempestade. Não sabia se era por ser tão novo quando comecei a fazer-lhe isto, mas ele tolerava muito bem a terapia do pelo; ronronava e passava as patas no meu cabelo.

Devia parecer uma lunática para pessoas que não gostavam de gatos, mas estava-me a cagar. Por princípio, não confiava em ninguém que não gostasse de gatos, por isso, eles nunca estariam por perto para me julgar.

Pus o *Fred* no chão depois da minha terapia, e ele correu atrás de mim enquanto fui para o quarto mudar de roupa. Pensar-se-ia que estaria cansada depois de um turno tão longo, mas estava bem acordada. Provavelmente por já ter aprendido a adormecer num piscar de olhos, e por saber encontrar o lugar certo para fazer uma sesta de cinco minutos sempre que havia um momento calmo. O hospital tinha estado estranhamente tranquilo entre a meia-noite e a uma, e eu conseguira dormir durante uma hora inteira. A Tanya disse-me que uma das enfermeiras, alguém que trabalhava num andar e unidade diferentes, ao vir buscar umas análises fez um comentário sobre essa tranquilidade, o que nos agourou. As enfermeiras das urgências sabiam que não podiam dizer esse tipo de coisas.

Tomei um duche, vesti o pijama mais aconchegante que tinha, servi-me de um copo enorme de vinho branco e aconcheguei-me com o *Fred* no sofá. Estava com vontade de ligar a televisão e relaxar um pouco, mas não

tinha visto o telemóvel durante o turno e as notificações das redes sociais estavam a chamar por mim.

Cedendo ao inevitável, abri a minha aplicação favorita e comecei a percorrer o ecrã. Havia os vídeos esperados de animais fofos a fazer coisas fofas, pessoas a agir como idiotas e a meterem-se em sarilhos, histórias sobre ex-namorados e pessoas musculadas a posar para os espelhos do ginásio. Mas, mais do que qualquer outra coisa, havia gajos bons. Especificamente, gajos bons que usavam algum tipo de máscara. Esta minha obsessão começou no início do outono, quando este subgénero de vídeos foi ganhando destaque de ano para ano, graças a lascivos amantes de livros e a espectadores excitados como eu.

Com uma mão, coçava o *Fred* atrás das orelhas. Com a outra carregava no botão «like» de vídeos de homens em *cosplay*, uns com equipamento militar futurista e outros com fatos de filmes de terror. No entanto, guardei os meus favoritos para as máscaras de fantasmas. Os que estavam em tronco nu deixavam-me a babar. Se juntássemos uma faca e um pouco de sangue falso, o resultado era instantâneo.

O meu criador preferido usava o nome «the.faceless.man» porque tinha tudo o que eu mais gostava: uma máscara personalizada e diferente de todas as outras, tão sensual como aterradora, músculos, boa iluminação, uma seleção de música excecional e um conhecimento inato de como atrair o espectador e mantê-lo a implorar por mais. Tinha uma secção inteira de favoritos dedicada aos seus vídeos, e voltava a vê-los sempre que precisava de uma distração depois de um turno mau.

Como o desta noite.

Bebi o último gole do meu vinho. Porra, perdia completamente a noção do tempo quando estava na aplicação. Levantei-me para me servir de outro. O *Fred* saltou do sofá e enroscou-se na sua casinha de feltro ao pé da televisão, tendo atingido o seu limite de aconchegos. Verifiquei a comida e a água dele na cozinha, ambas quase cheias, e esvaziei a garrafa de vinho no meu copo. Quando o terminei, já tinha bebido meia garrafa.

Sim, em breve estaria bêbada e, esperava, suficientemente cansada. Só tinha dez horas até ao início do meu próximo turno e precisava desesperadamente de recuperar todo o sono que tinha perdido devido ao habitual aumento de atividade no hospital durante a época festiva.

Puxei um cobertor por cima de mim quando me volvei a sentar, e depois fui buscar os meus vídeos do Homem Sem Rosto, como o tinha começado a chamar. Era difícil escolher um favorito, mas se alguém me apontasse uma arma à cabeça e me obrigasse a fazê-lo, seria aquele em que estava